

IBGE: diferença de renda entre homens e mulheres ricos é maior

► Síntese publicada pelo instituto mostra que a distância salarial entre homens e mulheres ricos é maior do que a entre homens e mulheres pobres

RIO - O Brasil sabe que está entre os campeões mundiais da desigualdade entre ricos e pobres. Inédito é diagnosticar o abismo entre os ricos e ricos, como fez ontem o IBGE, ao tornar pública a sétima edição de sua Síntese de Indicadores Sociais. Segundo o instituto, a distância salarial entre homens e mulheres é maior nos 10% mais ricos do que nos 40% mais pobres da sociedade. Na base da pirâmide do mercado de trabalho, para cada R\$ 100 do salário deles, elas ganham R\$ 76. No topo, a proporção cai para 66,1% — ou seja, R\$ 66,10 em cada R\$ 100.

“A desigualdade de gênero aumenta à medida que o rendimento sobe,” diz Cristiane Soares, economista do IBGE.

A renda média das trabalhadoras pobres é de R\$ 172,03 por mês, enquanto os homens do mesmo segmento ganham R\$ 226,27. Como os 40% mais pobres disputam vagas de baixa qualificação, os salários tendem a se equiparar, explica Cristiane. No topo, onde os salários são mais altos e há melhores postos de trabalho, o privilégio é dos homens: renda mensal de R\$ 3.730,49, contra R\$ 2.466,50 das mulheres.

O cruzamento da renda com a escolaridade também confirma a discriminação por gênero. Mulheres com até quatro anos de estudo ganham 80,8% do salário dos homens de escolaridade idêntica. Já as que estudaram 12 anos ou mais (ou seja, pelo menos começaram

uma faculdade) recebem 61,6% do rendimento deles. Outro sinal claro de que são deles os melhores cargos e salários: a proporção de mulheres em cargo de direção é de 3,9%, contra 5,5% dos homens, ainda de acordo com o IBGE.

Desempregada desde outubro de 2005, a analista de sistemas Tania Cristina Fiel Ferreira de Carvalho ainda guarda mágoas do antigo emprego, o único que conseguiu dentro de sua área. O diploma universitário e os anos na empresa não a fizeram alcançar o salário da colega, que ganhava cerca de 20% a mais na mesma função: “Era difícil trabalhar anos na mesma empresa, fazer faculdade, e depois descobrir que meu colega, homem, foi promovido antes de mim e ganhando bem mais. Reclamei, mas não adiantou”, disse ela, que acabou saindo do emprego e abandonando a carreira. Aos 35 anos, Tania só consegue trabalho como vendedora.

Regiane Mendes Silva, de 22 anos, foi a primeira mulher a trabalhar num setor estratégico (envase de pó e outras substâncias químicas) de um laboratório farmacêutico de São Paulo. Munida de uma roupa especial para ambientes livres de micróbios, ela trabalhava ao lado de até quatro homens. As tarefas eram as mesmas para todos, mas enquanto ela ganhava R\$ 802 por oito horas diárias, os homens recebiam R\$ 1.300 em média.

Regiane reconhece que os colegas tinham mais tempo de casa, o que justificaria, em tese, a diferença salarial. Mas reclama que as promoções saíam mais depressa para homens: “Trabalhava até mais do que alguns colegas. Todo mundo sabia e reconhecia, mas minha promoção nunca chegava. Não teria passado por isso, se fosse homem”.

O economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/FGV), prevê para os próximos anos uma redução na diferença de renda entre homens e mulheres. Ele lembra que, quanto mais jovem a população, mais as meninas supe-

ram os meninos em nível de instrução. "Como o futuro é da educação, o futuro também é das mulheres", ressalva Neri.

Ao mesmo tempo, os afazeres domésticos ainda são da mulher; mesmo daquelas que trabalham fora. Os números da síntese flagram a dupla jornada: entre a população trabalhadora, as mulheres gastam mais que dobro do tempo com as tarefas da casa (22,1 horas por semana), enquanto os homens dedicam 9,9 horas a essas atividades. "Mas já foi pior. Há sinais de mudança com a maior divisão de tarefas, apesar de a mulher ter uma dupla jornada

da significativa. O país mudou, mas ainda está longe do ideal", disse Elisabete Dória Bilac, do Núcleo de Estudos Populacionais da Unicamp.

A situação de Márcia Duda de Souza espelha esse quadro de excesso de trabalho da mulher: ela sonha com uma boa noite de sono. Márcia mora em Recife, no Nordeste, região que exibe a maior carga de afazeres domésticos: 24,6 horas por semana. Para sobreviver e manter a casa, a empregada doméstica enfrenta uma jornada gigantesca que, na maior parte das vezes, só lhe deixa três horas de sono por dia.

Quem estuda mais ganha mais

► O IBGE mostra que a passagem do nível mais baixo de escolaridade (até 4 anos de estudo) para a categoria seguinte (de 5 a 8 anos de estudo) significa incremento de cerca de 29% no rendimento médio por hora. Na categoria posterior, que representa o nível médio (9 a 11 anos), o incremento comparado à categoria anterior é de 45% e, por fim, a pessoa que possui o nível superior (12 anos ou mais de estudo) eleva o seu rendimento em 189% com relação àquela de nível médio. Assim, a população ocupada com até 4 anos de estudo recebe em média R\$ 2,40 por hora trabalhada, enquanto para os com 12 anos ou mais de estudo, o valor é R\$ 13,00.

Outros pontos do estudo:

RENDIMENTO: Os 10% mais ricos ganham 16,2 vezes a renda dos 10% mais pobres.

IDOSOS: Para cada 100

brasileiros de até 15 anos, há 25 com mais de 60 anos. O Brasil fica em 8º lugar entre os países com mais idosos.

SOLIDÃO: 10% das famílias têm apenas um morador. Entre essas, 41% são de pessoas com 60 anos ou mais.

CHEFE DE FAMÍLIA: 29,4% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres.

EDUCAÇÃO E FILHOS: Nas famílias com renda per capita de até 1 mínimo e mulheres que estudaram 8 anos, a média de filhos é de 3,2. Essa taxa sobe para 4,3 nas famílias ricas (mais de 5 salários) mas com mulheres pouco instruídas (até 3 anos de estudo).

MORTALIDADE: Quando a mãe tem menos de três anos de estudo, a mortalidade infantil chega a 34,9 por cada mil crianças nascidas vivas. A taxa recua para 15,1 entre as mães com ao menos oito anos de estudo.

INDICADORES SOCIAIS

PRINCIPAIS PONTOS DA PESQUISA DO IBGE

FAMÍLIAS BRASILEIRAS



29,4%
das 56,1 milhões
de famílias eram
chefiadas por
mulheres

27,0%
das mulheres se
declararam como
pessoas de referência
das famílias
brasileiras

RENDIMENTO DO TRABALHADOR

escolaridade	média por hora trabalhada (R\$)
Até 4 anos de estudo	2,40
Com 12 anos ou mais de estudo	13,00

80,8%
do rendimento dos homens
é o valor recebido pelas
mulheres com até 4 anos
de estudo

61,6%
do rendimento dos homens
é o valor recebido pelas
mulheres com 12 anos de
estudo

TAXA DE DESEMPREGO

Homens	6,8
Mulheres	11,7

MULHER ESCOLARIZADA X TAXA DE FECUNDIDADE

escolaridade	média de probabilidade de filhos	um terceiro filho
Até três anos de estudo	3,9	90
Oito anos ou mais de estudo	1,5	50

3,9%
das mulheres
ocupadas têm
cargo de chefia

CASAMENTOS

Crescimento de casamentos no país	7,7%
Queda do número de divórcios	3,7%
Média de duração dos casamentos	11,5 anos
Média de idade para o primeiro casamento	
Homens	28 anos
Mulheres	25 anos



SANEAMENTO BÁSICO

60,3%

dos domicílios urbanos dispunham do conjunto de
serviços públicos de saneamento básico

Fonte: IBGE